



A RELAÇÃO DE AFETO PROFESSOR-ALUNO NA EDUCAÇÃO INFANTIL COMO FACILITADOR DO APRENDIZADO

DANIELE BEZERRA DE MIRANDA

Brasília-DF
Abril, 2013

DANIELE BEZERRA DE MIRANDA

**A RELAÇÃO DE AFETO PROFESSOR-ALUNO NA EDUCAÇÃO
INFANTIL COMO FACILITADOR DO APRENDIZADO**

Trabalho final de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia, à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (UnB) sob a orientação do professor Paulo Bareicha.

BRASÍLIA
2013



FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PEDAGOGIA

DANIELE BEZERRA DE MIRANDA

A RELAÇÃO DE AFETO PROFESSOR-ALUNO NA EDUCAÇÃO INFANTIL COMO FACILITADOR DO APRENDIZADO

Trabalho de Conclusão de curso apresentado à Faculdade de Educação da Universidade de Brasília.

Aprovada em: ___/ ___/ 2013.

Avaliada pela seguinte banca examinadora:

Orientador: Prof^o Paulo Bareicha

Membro da Banca Prof^o:

Membro da Banca Prof^o:

BRASÍLIA

2013

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Deus pelo dom da vida. A todos que passaram pela minha vida e deixaram sua marca, seu incentivo, sua colaboração. Aos amigos, aos médicos, aos professores, aqueles que me mostraram que a vida vale a pena e não ser desperdiçada.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a Deus, aos mestres à minha família, aos meus pais, minha irmã e meu namorado, que me apoiaram em todas as fases da minha vida, em todas as dificuldades estiveram presentes e nunca me desampararam. Nas etapas mais difíceis em que precisei, eles estiveram ao meu lado.

RESUMO

O presente trabalho tem como finalidade abordar a compreensão da relação afetiva entre professor/aluno na educação infantil como um facilitador do processo de aprendizagem. Ao considerar que a relação entre o professor e o aluno é relevante no processo educativo e no processo de ensino-aprendizagem, a escola passa a ser uma instituição que necessita desenvolver a afetividade entre os envolvidos diretamente no processo de aprender, onde o professor é o principal responsável em harmonizar e administrar esta interação, para que a criança seja dotada de autoestima, segurança e confiança, para que seu aprendizado seja facilitado. Desta forma, o trabalho objetivou investigar como se dá esta relação entre o professor e o aluno, além de compreender o surgimento da educação infantil, compreender a afetividade, compreender como ocorre o processo de aprendizagem e a relação deste com a afetividade.

Palavras-chave: Afetividade. Educação Infantil. Aprendizagem.

ABSTRACT

The present work aims to address the understanding of the emotional relationship between teacher / student in early childhood education as a facilitator of the learning process. When considering the relationship between teacher and student is important in the educational process and processso teaching and learning, the school becomes an institution that needs to develop affection among those directly involved in the learning process where the teacher is the main responsible for harmonizing and manage this interaction so that the child is endowed with self-esteem, confidence and trust, so that their learning is facilitated. Thus, the study aimed to investigate how this relationship between teacher and student, in addition to understanding the emergence of early childhood education, understand affection, understanding how the learning process occurs and its relation with affection.

Keywords: Affection. Early Childhood Education. Learning.

SUMÁRIO

PARTE 1 MEMORIAL EDUCATIVO.....	09
PARTE 2 AFETO E EDUCAÇÃO.....	11
1 A EDUCAÇÃO INFANTIL: CONTEXTO HISTÓRICO.....	12
1.1 História da Educação Infantil.....	12
1.1.1 Educação Infantil na Europa.....	12
1.2 Educação Infantil no Brasil.....	14
2 A AFETIVIDADE.....	17
2.1 Vínculo Afetivos nas Relações Infantis.....	18
2.2 Importância do Desenvolvimento do Autoconceito e Auto-estima.....	20
2.3 Motivação.....	22
3 APRENDIZAGEM.....	25
4 INFLUÊNCIAS DA AFETIVIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	28
4.1 Fracasso Escolar.....	31
4.2 Dificuldade de Aprendizagem na Educação Infantil.....	31
4.3 Sucesso Escolar.....	33
5 CONFLITOS AFETIVOS.....	36
5.1 Professor Como Mediador do Processo Ensino/Aprendizagem.....	37
PARTE 3 PERSPECTIVAS FUTURAS.....	38
CONCLUSÃO.....	40
REFERÊNCIAS.....	41

PARTE 1:

MEMORIAL EDUCATIVO

Meu nome é Daniele, nasci em 1985, na cidade satélite de Sobradinho – DF- cidade Serrana de Brasília. Filha de Lúcio e Terezinha, fruto de uma gravidez indezejada. Meu pai vendedor, minha mãe dona-de-casa, cursou dois másgistérios, pois um não era credenciado, mas não chegou a exercer a profissão. Entrei na escola com 2 anos de idade, antes do tempo previsto. Estudava em um colégio de freiras muito rígido, era ótima aluna e me proporcionaram uma bolsa de estudos. Para mim a escola era uma diversão, brincava no parquinho, tomava banho de piscina e vivia entre recortes e colagens, pinturas e musiquinhas.

Lembro de cada um dos meus professores, um a um. Acho que o professor marca mais a vida de um aluno do que ele realmente pensa, pessoalmente marcou a minha. São muito importantes na vida da criança. Os meus não só foram como são até hoje.

É claro que existem aqueles que foram horrorosos, que você já teve vontade até de matar algum dia.

Na minha infância tive professoras tão afetuosas, fui tão bem acolhida em sala de aula. Posso dizer com firmeza que foi minha segunda casa. Lembro-me do nome, da fisionomia, do carinho como me tratavam. A forma de como uma delas pedia silêncio era impressionante cantava: “ Para ouvir o som do mosquitinho e as batidas do seu coraçãzinho pegue a chavinha e tranque a boquinha...hummm...” e todos se calavam como uma fórmula mágica. As professoras deste período da minha vida eram muito afetuosas com todas as crianças. Não havia esta gritaria de professor que há hoje, puxando aluno pela blusa. Os tempos são outros.

Mas como escola não é só brincadeira, cheguei à etapa de alfabetização. Adorava estudar, era minha distração. Havia ditados e eu sempre ganhava estrelinha, pois acertava todas as palavras ditadas.

Já na 1º série havia trabalhos de pesquisa e interpretação de texto. Adorava ler e os textos eram muito interessantes e curiosos. Gostava de fazer trabalhos de pesquisa na biblioteca e até a 4ª série estudava com gosto e tinha empatia com professores. Mas na 5ª série o conteúdo ficou mais complicado e senti mais dificuldade. Sofri bullying, os garotos implicavam comigo por causa do meu cabelo que era muito rebelde. Na 6º série fui

diagnosticada bipolar, tive crises na escola o que atrapalhou todo o meu estudo, depois fiquei um tempinho sem estudar , mas não perdi o ano.

Estudei até o 1º ano do 2º grau em escola particular e no 2º ano fui para uma escola pública. Para mim foi um choque de realidades, pois a escola particular era muito mais rígida quanto aos conteúdos enquanto a escola pública era totalmente desorganizada.

Saindo do ensino médio fiz pré-vestibular, fiz a prova da UnB, mas não passei. Então fiz o vestibular da UEG, Universidade Estadual de Goiás e passei. Frequentei as aulas 2 anos e meio. Logo em seguida fiz a prova de transferência para UnB e passei. Fiquei muito feliz por passar em uma de uma das melhores universidades do país. Aqui aprendi muitas coisas novase também conheci muitas pessoas novas.

A minha mãe que me influenciou à cursar Pedagogia, pois ela já tinha feito magistério e eu a acompanhava dando apoio, ajudando nos trabalhos, frequentando as aulas de recreação, fui tomando gosto pela coisa. Este gosto foi adormecido por um tempo, mas no ensino médio esta vontade de dar aula retornou.

O curso foi muito produtivo, pois fiz várias matérias que enriqueceram muito minha bagagem estudantil. Fiz o projeto 1 com o professor Elício, que despertou o gosto pelo curso. Projeto 2 com a professora Lívia, que nos demonstrou a legislação da educação. No projeto 3 realizei uma pesquisa quantitativa e qualitativa. Com a professora Alexandra desenvolvi versos e poesias, um dom nato em mim, pois gosto muito de escrever, na escola adorava redação. No projeto televisão e educação com a professora Vânia Quintão aprendi um pouco sobre a influência da televisão na educação da criança. Já com a professora Patrícia Pederiva aprendi a como trabalhar a música com crianças usando objetos e instrumentos simples, neste periodo estagiei em uma escola espírita Casa de Ismael foi produtivo, mas durou pouco tempo. Particpei também do canto-coral, com o professor David. Para mim foi um sonho realizado, pois sempre quis participar de um coral, que se finalizou com a apresentação do grupo para comunidade. Uma atividade que me engrandeceu muito foi a monitoria com a professora Teresa Cristina, aprendi muito sobre princípios da psicologia, é uma experiência que levarei ao longo da minha carreira profissional, mas acho que poderia ter me empenhado mais e acrescentado mais nas aulas. E com o professor Paulo Bareicha finalizo o curso com o auxilio de como concluir uma monografia.

PARTE 2

AFETO E EDUCAÇÃO INFANTIL

A sociedade atual é regida por um sistema capitalista que visa o lucro. As mulheres, para auxiliar no orçamento da casa, buscam o seu espaço no mercado de trabalho e delegam à escola e especificamente ao professor funções que seriam atribuídas ao pai e a mãe. Desta forma, o professor se depara em sua sala com crianças que não são assistidas pela família e que necessitam de atenção, carinho e afeto. Surge daí a necessidade do professor em adotar uma função materna em sala de aula, estabelecida por meio de um vínculo afetivo. Este vínculo é indentificado em atitudes afetivas e de acolhimento do professor para com os alunos.

A escola é o primeiro contato que a criança tem com a sociedade, com outras crianças e um adulto que não seja os pais, as pessoas se contituem a partir da interação com o outro. A relação entre o professor e o aluno é um fator importantíssimo no processo educativo e no processo de ensino-aprendizagem. A escola é o lugar onde a criança conhece elementos culturais formados ao longo da história. É também o espaço onde ocorrem relações interpessoais. Este trabalho tem como objetivo investigar como se dá esta relação entre o professor e o aluno. O professor é o principal responsável em harmonizar e administrar esta interação, para que a criança seja dotada de auto-estima, segurança e confiança, para que seu aprendizado seja facilitado.

O ato de educar não deve basear-se apenas na transmissão de conteúdos, mas visar a formação da criança como sujeito. Este sujeito deve ser completo e não pode ser fragmentado. Sua educação deve garantir o seu desenvolvimento em todos os seus aspectos. Deste modo, fazendo-se necessário que o educador busque em seu ato educativo possibilitar o crescimento da criança em todas as suas especificidades: físico, mental, intelectual, social e afetivo.

1. A EDUCAÇÃO INFANTIL - CONTEXTO HISTÓRICO

Paniagua e Palácios(2007) afirmam que a expressão educação infantil surge logo depois a promulgação da lei de reforma educativa espanhola de 1990, referindo-se ao atendimento em escolas de meninos e meninas de alguns meses de vida até os 6 anos. Existiram tentativas de abandonar o status educativo dessa faixa etária, mas esta ideia do trabalho com crianças pequenas caracterizada pela educação infantil atrelou-se tanto aos profissionais como aos pais.

Os Parâmetros Nacionais de Qualidade para Educação Infantil caracterizam as instituições de Educação Infantil no Brasil:

A educação infantil no Brasil funciona em creches, pré-escolas, centros ou núcleos de Educação Infantil como também em salas anexas a escolas de Ensino Fundamental.

1.1 História da educação infantil

A necessidade de identificar o contexto histórico da Educação infantil se baseia na maneira de entender e compreender a fase atual em que esse ensino se encontra.

O modo de pensar, compreender e educar a criança sofreu alterações de acordo com as modificações da concepção da sociedade em que estava inserida.

A criança, entendida como um ser diferente do adulto, por apresentar diferenças quanto à idade, maturidade e comportamentos típicos adquiria limites específicos associados à cultura, ao momento histórico e aos papéis já estabelecidos pela própria sociedade.

1.1.1- Educação infantil na Europa

Durante séculos a criança foi vista como símbolo da força do mal, um ser imperfeito esmagado pelo peso do pecado original como dizia a teologia cristã, era um ser ignorante e caprichoso. Para estes a infância seria o mais forte testemunho de uma condenação lançada contra a totalidade dos homens, esse sim, um ser completo. A finalidade da educação era salvar a alma do pecado original em que a criança estava submetida.

Já na Idade Média, a criança era considerada como adultos pequenos que executavam as mesmas tarefas de qualquer adulto, pois como a expectativa de vida era baixa, a criança era obrigada a exercer as mesmas atividades para sua própria sobrevivência.

Dentro dessa idéia, ao completar sete anos tanto a criança rica quanto a criança pobre era colocada em outra família com os objetivos:

1° - não ter vínculo: onde se evitava a dependência familiar ou qualquer sentimento entre os membros consangüíneos e

2° - aprender trabalhos domésticos e valores humanos através de aquisição de conhecimento e experiência prática pela família que a recebia.

Assim, a família receptora ensinava o que achava necessário e transmitia os valores que lhe convinham para sua própria sobrevivência.

No século XVI com o prolongamento da expectativa de vida, surgem duas formas de se compreender a criança. Uma, a criança era considerada um ser ingênuo e inocente com os adultos que a rodeavam lhe fazendo todas as vontades. A outra, considerada imperfeita e incompleta, onde o adulto deveria agir como um moralizador. Inseri-se, nessa situação, que a primeira forma de compreender as crianças era mais direcionada as famílias que tinham um poder aquisitivo maior, os burgueses, propriamente dito, e, a segunda, para as famílias menos favorecidas, logo que a estas só se destinariam o trabalho braçal.

Na Idade Moderna, todos os fatos históricos relevantes como: a Revolução Industrial, O Iluminismo, o surgimentos de constituições entre outros; trouxeram influencia direta na forma de conceber a criança. Porém, continua a enxergar a criança nobre de forma diferenciada da pobre.

Nessa época surgem as primeiras propostas de educação e moralização infantil. Encara-se a criança como um ser que necessita ser cuidado, escolarizado e preparado para a atuação futura.

Surgem os colégios com essas finalidades. A educação torna-se mais pedagógica e menos empírica, mas continua com a discriminação entre crianças pobres e crianças ricas.

Neste momento, também surgem as primeiras creches para poder abrigar os filhos de mães que trabalhavam nas indústrias.

Na segunda metade do século XVII, houve um atraso na entrada das crianças nas escolas passando para os 10 anos, pois antes dessa idade eram consideradas fracas e incapazes cognitivamente.

Com o capitalismo, juntamente com todas suas evoluções científicas tecnológicas e sociais, a criança precisava ser cuidada para uma atuação futura, a concebia como um ser sem história, sem senso crítico fraco e incompetente, por ser economicamente improdutivo. Por isso o adulto deveria cuidar dela para que se torne um ser com expectativas econômicas produtivas altas, justificando, assim, a subordinação da criança ao adulto. Na educação, cria-

se o ensino secundário, de curta duração, com o objetivo de formar mão-de-obra para as classes populares e um ensino secundário para a burguesia e para a aristocracia de longa duração com o objetivo de formar eruditos, pensadores e mandantes. No final do século XIX, difunde o ensino superior na classe burguesa.

Nesse século, a pré-escola era encarada pelos pensadores como uma forma de superar a miséria, a pobreza, a negligência das famílias, mas sua aplicação efetiva somente ocorreu no século XX, diante dos movimentos educacionais que demonstravam o precário trabalho desenvolvido nesse nível de ensino, o que prejudicava a educação elementar.

Na Segunda Guerra Mundial, a educação pré-escolar tomou novo impulso, pois com a grande quantidade de mães que precisavam trabalhar essa educação adquiriu uma preocupação assistencialista-social objetivando as necessidades emocionais e sociais da criança. Assim, aparecia o interesse de estudiosos pelo desenvolvimento da criança e a interferência dos primeiros anos em atuações futuras.

A preocupação com o método de ensino surgia com maior sistematicidade.

1.2 – Educação infantil no Brasil

Na época da escravidão a criança no Brasil trabalhava como auxiliares nos serviços para os adultos. Encaradas como adultos eram iniciadas nos primeiros estudos de língua, gramática, matemática e boas maneiras. Não diferenciando da maneira de como eram vistas as crianças na Europa.

Já quando o país absorvia idéias capitalistas e urbano industrial iam surgindo creches populares que serviam para atender aos filhos de mães que trabalhavam nas indústrias, e às mães que eram empregadas domesticas. Essas creches objetivavam a alimentação, a higiene e a segurança física.

Em 1919 foi criado o Departamento da Criança no Brasil que determinava que a educação infantil caberia ao Estado, porém seria mantida por doações. Este departamento objetivava fomentar iniciativas de amparo criança e à mulher grávida pobre, concorrer para a aplicação das leis de amparo a criança entre outros.

Nos anos 30, a criança passa a ser valorizada como um adulto em potencial.

Na década de 60 e 70 criação de políticas educacionais transforma o nível básico obrigatório e gratuito pelo Estado. No entanto em 1970 há uma crescente evasão escolar e repetência das crianças das classes pobres no primeiro grau. Por causa disso, foi instituídas a educação pré-escolar, conhecida como uma educação compensatória para as crianças de

quatro a seis anos para suprir as carências culturais existentes na educação familiar da classe baixa.

Esta situação – carência cultural nas classes baixas – devia-se ao fato da família não ter condições de oferecer um bom desenvolvimento escolar, pois lhes faltavam requisitos básicos que não foram transmitidos por seu meio social e que seriam necessários para garantir seu sucesso escolar. Diante disso a pré-escolar entrava para suprir carências, porém sem caráter formal. Os professores eram voluntários, a educação era fragmentada, os alunos não tinham alimentação adequada e suas condições de vida eram precárias.

Assim, as creches públicas eram vistas como um órgão assistencialista que ofertava alimentação, higiene e segurança física enquanto as particulares desenvolviam atividades educativas voltadas para aspectos cognitivos, emocionais e sociais da criança de quatro a seis anos.

Da década de 80, há uma ausência de uma política global e integrada para a educação pré-escolar, pois o enfoque maior era para a o primeiro grau. Contudo, com a promulgação da Constituição Federal de 88, a educação pré-escolar passa a ser vista como uma educação necessária, de direito a todos, de dever do Estado e integrada ao sistema de ensino, tanto de creches quanto como escolas. A creche e a educação pré-escolar tornam-se um direito da criança de zero a seis anos (CF/88, artigo 208, IV).

Assim, a educação pré-escolar no Brasil é incluída na política educacional com uma concepção pedagógica complementando a ação familiar. Passa a enxergar a criança como um ser social, histórico, pertencente a uma determinada classe social e cultural. Outro fator importante que aconteceu com a nova Constituição foi que a educação pré-escolar deixou de ser vista como uma educação compensatória

No início da década de 90, é promulgada o Estatuto da Criança e do Adolescente - lei 8069/90 que cria diretrizes de atendimento aos direitos da criança e do adolescente e do Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente e os Conselhos Tutelares dos Direitos da Criança e do Adolescente.

Porém, sobre o efeito da globalização, a educação parece voltar a ter o objetivo de ser uma educação compensatória voltada as classes carentes do Brasil e a educação infantil fica sem um papel sistemático e definido.

Já no início do século XXI, uma nova geração de pensadores e educadores recomeçam a refletir sobre a Educação infantil e seu papel no desenvolvimento integral do ser humano como um todo. Nessa idéia, apesar de ser uma educação ainda nova, ela passa a ser vista como um fator de extrema importância para a criança, assim o Brasil, com seus novos

objetivos educacionais assumidos diante de um público internacional globalizado, rever a necessidade e a importância da Educação infantil determinando objetivos específicos para que se alcance os tratados assumidos internacionalmente.

O papel pedagógico nessa educação é o de garantir a aquisição gradativa de novas formas de expressão e reconhecimento-representação de seu mundo, proporcionando a confiança, autonomia. Torna-se um contribuidor no processo de democratização da educação brasileira.

A Lei de Diretrizes e Bases definiu educação infantil, no seu artigo 29 como sendo destinada às crianças de até 6 anos de idade com a finalidade de complementar a ação da família e da comunidade, objetivando o desenvolvimento integral de criança nos aspectos físicos, psicológicos e, intelectuais e sociais. Ficou definida a divisão da educação infantil em duas etapas. A primeira: destinada a crianças de até 3 anos de idade que poderá ser oferecidas em creches ou entidades equivalentes. A segunda para crianças de 4 a 6 anos, a serem desenvolvidas em pré-escolas.

Determinou, também, que a avaliação deverá ser feita mediante acompanhamento e registro do desenvolvimento da criança e sem qualquer obstáculo de promoção ou de classificação para o acesso ao ensino fundamental.

2. A AFETIVIDADE

Já no dicionário Aurélio(1994), a palavra afetividade está definida como: “ Conjunto de fenômenos psíquicos que se manifestam sob a forma de emoções, sentimentos e paixões, acompanhados sempre da impressão de dor ou prazer, de satisfação ou insatisfação, de agrado ou desagrado, de alegria ou tristeza.”

Uma relação entre professor e aluno mantida com afetividade e estímulo traz segurança para a criança, enquanto uma relação de autoritarismo ameaça e amedronta, limita a capacidade criativa, impedindo o aprendizado. Atitudes severas com as crianças, como gritos e ameaças são prejudiciais para o seu desenvolvimento, resulta em medo e insegurança.

No processo de ensino-aprendizagem, o afeto é um fator fundamental, a afetividade está intimamente ligada a cognição. Na teoria de Jean Piaget, o desenvolvimento intelectual tem dois componentes: o cognitivo e o afetivo.

A cognição trabalha com o aprender constante de novas ideias, conceitos e valores.

A criança aprende quando o professor a valoriza, acolhe e respeita. Deve haver incentivo, despertar sua atenção e seu interesse como fontes motivacionais. Em uma aula em que o professor é autoritário, hostil e desinteressado em criar vínculos afetivos, pode levar o aluno a perder a motivação em participar das aulas, o interesse em aprender, gerar sentimentos negativos como desafetos, antipatias e rejeição; o aluno pode associar o professor à disciplina, repercutindo negativamente na aprendizagem e na interação.

No século XVI, que praticamente mostra a idéia de laços de famílias através de semelhanças físicas, não se concebia a existência de qualquer sentimento familiar, as crianças se fundiam neste ambiente, sem nenhuma discriminação de idade, raça, nobreza ou condições sociais e, praticamente, não se aceitava a possibilidade de afetividade nas relações entre crianças e seus entes familiares.

Já no século XVIII, com o núcleo familiar concentrando nele mesmo separando parentes dos serviçais e de outros elementos, os pais começaram a se preocupar com sua prole, deixando surgir e tornar público a afetividade por seus filhos. A criança assume um lugar junto aos pais e à sociedade.

Passa a ser cuidada pela família conjugal, o espaço de construção da criança tanto física como socialmente e psicologicamente; fica sobre a vista de seus familiares e, posteriormente, a instituição educacional, com uma nova cobrança social: a de que haja um vínculo emocional entre os envolvidos – criança e adultos.

A partir do fim do século XIX, em sentido psíquico, a criança passa a ser vista como possuidora de atividade biopsíquica, de conjunto funcional destinado ao registro dos afetos e emoções e à elaboração dos pensamentos e atos comportamentais. Toda essa situação voltada para qualquer área de desenvolvimento da criança.

Nesse parâmetro a afetividade passa a ser vista como algo fundamental ao desenvolvimento da criança.

2.1 - Vínculo afetivo nas relações infantis

Na criança de zero a dezoito meses o afeto deverá estar presente em todos os momentos de atenção à criança. Os sentidos, a forma como o bebê é recebido funcionarão como parâmetro dele enxergar o mundo. A sensação de que estão seguros num mundo ainda em descoberta, proporcionará uma interação diante do desconhecido, com a organização e realização das conquistas que sua maturidade biológica lhe permitem. O apego que estabelece com uma ou várias pessoas do sistema familiar tem o objetivo de favorecer-lhe à sobrevivência, e de proporcionar-lhe segurança emocional, transmitindo aceitação incondicional, proteção e bem estar. Há uma manifestação clara por preferências por figuras significativas e repelem as desconhecidas.

A partir dos dois anos, com a possibilidade de deslocamento e a necessidade de estímulos sensoriais e de ações comportamentais, a criança manifesta emoções sem controle, demonstra ansiedade e dificuldade de escolhas. O afeto, percebido por ela, permite que se conheça várias emoções e defini-las.

A relação afetiva com os pais fica mais forte e evidente para a criança. Torna-se algo em que a criança possa se apoiar em situações de dúvidas e conflitos com a existência do outro.

Passa a imitar tanto comportamentos quanto emoções e sentimentos percebidos por ela nos adultos.

Nos quatro anos suas emoções são consideradas extremistas, pois ou gostam muito ou detestam muito, apreciam o afeto demonstrado por adultos, principalmente, os mais presentes, gostam de ser elogiada e de se auto-elogiar. Emoções como o medo, são administradas quando sente que terão, independente da situação vivenciada, o afeto daqueles que lhe são caros, assim tornando-se seguras e confiantes.

A criança de cinco anos, já com iniciativa e idéias próprias, é mais auto-crítica e segura. Suas relações afetivas se tornam mais amplas, saindo do núcleo familiar. Porém, a

figura materna continua sendo seu apoio e seu núcleo afetivo, apesar de estar mais independente a ela.

Nos seus seis anos, os vínculos afetivos que a criança vivência é construído pela interação que se faz entre o sujeito/objeto, nesta fase, já reconhece a existência nelas mesmas de emoções de afeto ou repulsa, o que provocará a criação de seu próprio grupo social, sendo na família, na escola ou outra instituição social em que esta inserida apresentando sentimentos definidos quantos aos que lhe rodeiam.

A afetividade fará com que a criança se sinta amada e acolhida o que se constituirá em poderoso estímulo na direção do outro.

Os relacionamentos afetivos que ela pode experimentar favorecerão o crescimento global em qualquer ambiente em que esteja inserida.

A afetividade e maturação orgânica andam juntas. Em seu processo exploratório, deve haver articulação entre a maturação e o desenvolvimento emocional. As iniciativas de uma criança devem ser percebidas como algo que não é malvisto pelo outro, mas pelo contrário, incentivado e assim constituindo como aspecto de segurança e auto estima. A presença do outro para a criança deve lhe servir para se constituir, tanto com suas reações favoráveis fortaleçam as expectativas do adulto, e assim, os laços afetivos se solidificam.

O teórico da psicologia Sigmund Freud (1856-1939) descreveu quatro estágios no desenvolvimento emocional-afetivo, afirma ainda que eventos prejudiciais ao desenvolvimento em qualquer uma das etapas influenciará o equilíbrio emocional do adulto, daí a necessidade de estar atento ao desenvolvimento da criança e ao seu lado afetivo. Diante disso procurou investigar a qualidade da relação pais-criança e seus efeitos no equilíbrio emocional ao longo da vida.

Para a ele a afetividade é o conjunto de fenômenos psíquicos manifestados sob a forma de emoções ou sentimentos acompanhados da impressão de prazer ou dor, satisfação ou insatisfação agrado ou desagrado, alegria ou tristeza. Toda pulsão se exprime nos dois registros, do afeto e da representação. O afeto é a expressão qualitativa da quantidade de energia pulsional e das suas variações.

O desenvolvimento psíquico ocorre por intermédio da elaboração de experiências emocionais desde o nascimento.

Acredita-se que as origens da vida social e emocional e os fatores que intervêm no estabelecimento de um laço afetivo seguro ou inseguro ocorre na infância.

Um apego seguro desenvolverá uma maior capacidade para compreender as suas próprias emoções, com condutas amigáveis e maior disposição em expressar estado de ânimo

positivo frente às frustrações que surgem nas relações sociais, desenvolver-se-á uma reciprocidade, uma compreensão e uma empatia por intermédios dessas relações.

2.2 - Importância do desenvolvimento do autoconceito e auto-estima

Considerando que cada ser participa ativamente de seu mundo social e que obtém seus conceitos destas relações, entende-se que o ambiente familiar, o escolar e outros grupos sociais participarão na configuração da personalidade, seja nos traços psicológicos como nos aspectos afetivos emocionais.

Segundo Freud o desenvolvimento da personalidade de cada indivíduo é determinada pelas relações que forem estabelecidas entre o id, o ego e o superego. O id é o substrato biológico, inato da personalidade, um impulso instintivo. O ego seria o executivo da personalidade e serve como mediador entre as exigências do id e a realidade. O superego seria a consciência moral que nem sempre reflete fielmente as normas da sociedade e se forma na infância.

Outro estudioso da personalidade, Erickson já acreditava que experiências sociais vividas desde o nascimento até a morte residem um conflito psicossocial básico que deve ser resolvidos no decorrer de sua vida.

A autonomia que deverá ser obtida nestes conflitos levará a criança a experimentar novas capacidades e destrezas e a explorar o mundo que as rodeia constatando os limites que o ambiente social põe as suas condutas.

Para outro teórico, Wallon (1934), o estágio do personalismo surge entre os três e os seis anos de idade quando a criança está voltada para a construção do eu, ela tenta fortalecer seu “eu” para encontrar estratégias que lhe permitam assegurar o afeto e a aprovação dos demais. Com maior segurança, aos quatro anos, tentam atrair a atenção dos demais e ganhar seu aplauso e reconhecimento, mostrando suas habilidades e destrezas que sentem ser admiradas pelos outros. As crianças desejam a aprovação e o afeto dos que lhes rodeiam.

Diante dos estudos, tanto de Freud, quanto de Erickson, quanto de Wallon, percebem a importância dos pais ou dos adultos que rodeiam a criança na formação e no desenvolvimento do autoconceito e da auto-estima nas crianças. A ausência de um autoconceito e de uma auto-estima pode proporcionar uma dificuldade de lidar com suas experiências afetivas e com sua auto-aceitação.

A autodeterminação e a independência afetiva são afetadas negativamente pela falta de um autoconceito bem desenvolvido.

O autoconceito esta ligado à imagem que a criança tem dela mesma e se refere ao conjunto de características ou de atributos que utiliza para se definir como individuo e se diferenciar dos demais.

O autoconceito se desenvolve e evolui com características distintas em cada fase da vida e sofre influencias das pessoas significativas do ambiente familiar, escolar ou social, e das próprias experiências de sucesso e de fracasso do indivíduo.

A formação e o desenvolvimento do autoconceito para Wallon e Vygotsky ocorrem por meio da imitação, onde ocorre uma identificação e absorverão as características para a tornarem parecidas com o das pessoas que a cercam. A forma como as crianças concebem e expressam seu autoconceito varia de uma idade a outra em função de sua maturidade e de desenvolvimento cognitivo.

A dimensão valorativa e julgadora do eu, dentro do conhecimento de si mesmo ou autoconceito, denomina-se auto-estima, ou seja, é a representação da avaliação afetiva que a pessoa tem de suas características em determinado tempo.

Nathaniel Brande, psicólogo norte-americano, em sua obra O Poder da Auto-Estima, 1994, define:

auto-estima é a vivencia de sermos apropriados `a vida e às exigências que ela coloca. Mais especificamente, auto-estima é: 1- a confiança em nossa capacidade de pensar e enfrentar os desafios básicos da vida. 2- a confiança em nosso direito de ser feliz, a sensação de que temos valor, de que somos merecedores, de que temos o direito de expressar nossas necessidades e desejos e de desfrutar os resultados de nossos esforços.

A auto-estima, determinada subjetivamente, muda de acordo com a idade, interesse e aspectos sócios econômicos e culturais envolvidos. Na idade entre quatro a sete anos domínios distintos como: competência física, competência cognitivo-acadêmico, aceitação pelos pais e pelos iguais adquirem importância para o desenvolvimento de uma auto-estima sadia. Porém, sempre considerando que a auto-avaliação sobre essas competências permitirá uma auto-estima bem direcionada, pois pode haver alguma competência em que a criança não esteja totalmente inclusa.

Ela se desenvolverá dependendo das atitudes dos pais ou outros indivíduos com valor, insere-se que adultos que rodeiam a criança com demonstrações de carinho e afetividade colaboram mais para que tenham uma auto-estima mais desenvolvida. Pensando desta forma os professores que possam projetar na criança uma visão positiva e real dela mesma irão possibilitar uma melhora no seu processo de aprendizagem.

Uma relação acolhedora, afetuosa e comunicativa e ao mesmo tempo firme e exigente, coerente e baseada no bom-senso, incentivará a auto-superação, estimulando as crianças a enfrentarem situações que exijam certo nível de esforço dentro de suas capacidades. Assim, desenvolverão uma elevada auto-estima, confiança e autocontrole com a interiorização de valores sociais e morais.

Diante do exposto, afirma-se quanto é importante de um autoconceito e de uma auto-estima bem definidos para o desenvolvimento da criança, tanto nos aspectos emocionais, afetivos, cognitivos ou físicos.

2.3. Motivação

Segundo Santos, cabe ao professor incentivar o aluno para que ele se sinta motivado a agir. Para Piletti motivação consiste em apresentar a alguém estímulos e incentivos que lhe favoreçam certo tipo de conduta. Em sentido didático, consiste em oferecer ao aluno os estímulos e incentivos para tornar a aprendizagem mais eficaz.

Existe uma diferença entre motivo e incentivo.

Motivo- é um estímulo interno, que vem de dentro da pessoa.

Incentivo- é um estímulo externo, quando outra pessoa estimula.

Dentro desta linha de raciocínio a motivação tanto poderia ser um estado originado de fatores externos como uma dimensão afetiva interna, logo que algo pode desencadear o comportamento sobre (externo) ou dentro (interno) do organismo. A motivação é uma característica interna, porém influenciada por outros fatores como o ambiente onde a criança se encontra, suas relações interpessoais e diversos aspectos de seu contexto. (CHIAVENATO, 1997). De modo geral, seria tudo aquilo que impulsiona a pessoa a agir de determinada forma ou, pelo menos, que dá origem a um comportamento específico. Este impulso à ação pode ser provocado por um estímulo externo (promovido pelo ambiente) e pode também ser gerado internamente, nos processos mentais do indivíduo (ligados à cognição). Está relacionada a forças ativas e impulsionadoras, traduzidas em palavras como desejo e receio.

No último século, os psicólogos tentaram desenvolver uma única e unificadora teoria da motivação. As teorias da motivação incluíam as teorias do instinto, do impulso, do incentivo e teorias humanistas. As do impulso baseiam no princípio biológico e as humanistas enfatizam os motivos psicológicos. (HOCKENBURY, D.; HOCKENBURY, S., 2003).

Atualmente, os pesquisadores da motivação admitem que ela seja determinada pela interação de fatores múltiplos, incluindo componentes biológicos, comportamentais, cognitivos e sociais. Para Hockenbury (2003) seria um resultado da interação do indivíduo e a situação que ele enfrenta o que irá variar de uma situação para outra e de um indivíduo para o outro.

É uma força interior que se modifica a cada momento durante toda a vida, onde direciona e intensifica os objetivos de um indivíduo, diariamente influenciado pelo meio externo, isso inclui pessoas e coisas. Pode-se sentir influenciado pelo entusiasmo de alguém que motiva a fazer algo. Já em determinadas situações e dependendo do temperamento da pessoa, ou mesmo da sua personalidade geral, pode-se oferecer certa independência ao meio externo. Desta forma para Hockenbury (2003). Ou seja, sua força interior de motivação é alta e "não precisa" de ajuda ou baixa e "precisa de apoio".

A motivação apresenta três características associadas ao seu conceito: ativação, persistência e intensidade. A ativação é demonstrada pelo início ou pela produção de um comportamento. A persistência é demonstrada pelos esforços contínuos ou pela determinação em atingir certo objetivo, freqüentemente enfrentando obstáculos. Chiavenato (1997) fala que a intensidade é vista no maior vigor em responder e em geral acompanha o comportamento motivado.

Outro fator que se deve considerar em relação a motivação é a emoção. As emoções estão muito ligadas a processos de motivação e vice-versa, envolvem a interação complexa de fatores físicos, comportamentais, cognitivos e sociais como fala Hockenbury (2003).

Ainda segundo Bowditch e Buono (1992, p. 49) o comportamento da pessoa é determinado e mantido pelo ambiente no qual a pessoa está presente. Assim, alguns psicólogos seguem a orientação do condicionamento, atribuem muita importância às recompensas e à valorização do indivíduo.

De acordo com Bowditch e Buono (1992, p. 46), o modelo das expectativas indica que a motivação de uma pessoa é função de três elementos:

- (1) uma expectativa de esforço-desempenho, no sentido de que um esforço maior trará um bom desempenho (expectativa), (2) uma percepção de desempenho-resultado, no sentido de que um bom desempenho trará certos resultados ou recompensas (instrumentalidade), e (3) o valor ou atração de uma certa recompensa ou resultado para a pessoa (valência). Assim, para que um indivíduo esteja motivado, ele precisa dar valor ao resultado ou à recompensa, precisa acreditar que um esforço adicional o levará a um desempenho melhor e que o desempenho melhor, subseqüentemente, resultará em recompensas ou resultados maiores.

A motivação abrange as relações interpessoais desenvolvidas dentro da sala de aula e que cada pessoa se desenvolve através do efeito do estímulo sobre as potencialidades humanas, como a inteligência, aptidões, sentimentos e necessidades básicas.

Afirmando essa linha de raciocínio, Vygotsky apresenta a teoria sócio-interacionista que defende o desenvolvimento do indivíduo como resultado de um processo de interação social, de relação com o outro. Segundo ele formas superiores de pensamento consciente, como a memória, a atenção voluntária, são achadas nas relações que o homem mantém.

Para aprender necessitam-se de dois personagens (ensinante e aprendente) e um vínculo que se estabelece entre ambos. (...) Não aprendemos de qualquer um, aprendemos daquele a quem outorgamos confiança e direito de ensinar. (FERNÁNDEZ, 1991, p. 47 e 52).

O papel do professor é específico e diferenciado do das crianças. Ele prepara e organiza o microuniverso onde as crianças buscam e se interessam. A postura desse profissional se manifesta na percepção e na sensibilidade aos interesses das crianças que em cada idade diferem em seu pensamento e modo de sentir o mundo.

O professor deve incentivar a pesquisa e ao questionamento, onde a criança busque a solução de problemas. Encorajando-a a descobrir e inventar, sem ensinar e dar conceitos prontos. Dar possibilidades para que descobertas sejam feitas, construindo o conhecimento e ao mesmo tempo se conhecendo. Incentivar mais a pergunta do que a resposta, procurando ideias emergentes do grupo e não fornecê-la pronta.

3 - APRENDIZAGEM

A aprendizagem é um processo que produz uma alteração relativamente duradoura no comportamento, ou no conhecimento do indivíduo.

Considerando que a aprendizagem desempenha um papel importante na determinação do comportamento através do qual o indivíduo procura satisfazer suas necessidades e que a aprendizagem torna-se um processo em que um indivíduo para conhecer o mundo e a si próprio começa com a percepção onde os estímulos são unificados e codificados de acordo com os esquemas mentais e a experiência passada de cada pessoa., nota-se o interesse de estudiosos da psicologia em descobrir como se dava a aprendizagem na criança. Entre eles: Freud, Piaget, Vygotsky entre outros.

Piaget com base em investigações sobre o desenvolvimento do pensamento elaborou uma teoria do desenvolvimento cognitivo ou intelectual.

Como Freud, ele também concebeu o desenvolvimento como um processo direcional, ou seja, que ocorria em estágios. A inteligência é uma estrutura biológica que tem como função adaptar o organismo às exigências do meio, isso se dará por meio de dois processos complementares: assimilação e acomodação.

A assimilação é o processo de incorporação dos desafios e informações do meio aos esquemas mentais existentes. A acomodação, processo de criação ou mudança de esquemas mentais em consequência da necessidade de assimilar os desafios ou informações do meio.

Para ele, as adaptações cognitivas são sempre resultantes de acomodação e assimilação. As estruturas cognitivas existentes em um determinado período da vida são os resultados da interação entre o organismo e o ambiente, com seus desafios e informações.

Assim sendo, a aprendizagem se dá pelo resultado de um processo de maturação associado ao meio. O desenvolvimento cognitivo como soma sucessão de estágios e sub-estágios caracterizados pela forma particular de como os esquemas - de ação ou conceitual - se organizam e se combinam entre si formando estruturas, dessa forma, uma visão estrutural e inseparável da análise formalizante.

Piaget descreve quatro estágios de desenvolvimento da aprendizagem, o que os define é a mesma natureza de ações ou modalidades de raciocínios empregados dentro de cada faixa de idade a partir de situações diversas enfrentadas pelo indivíduo.

As competências cognitivas de cada estágio indicam as possibilidades que o sujeito tem de aprender, onde se torna necessário identificar seu nível cognitivo antes de iniciar as sessões de aprendizagem

Assim, existem os estágios: sensório-motor, intuitivo, operatório concreto e operatório formal.

- Sensório - motor: dois primeiros anos de vida, o ponto central é a articulação entre percepção e movimento, compatível com a própria maturação neurológica do bebê;
- Intuitivo ou pré-operatório: aqui se desenvolvem relações isoladas pela ausência de reversibilidade e conservação que não se constituem em operações há o preparo para que isso ocorra, aqui a criança realiza suas ações por intuição;
- Operatório concreto – aqui se desenvolve as operações complementares, que necessitam de um suporte concreto;
- Operatório formal – é uma lógica de ações, ou seja, centrada nas ações, chega-se a lógica formal proposicional hipotético-dedutiva, descentrada das ações, isto é, em que o sujeito é capaz de elaborar hipóteses e deduções.

Fávero (2005) ao citar Piaget nos diz ainda que:

o que é interessante, no curso deste longo período de preparação e de constituição das operações concretas, é a unidade funcional, em cada período, que liga, num mesmo todo, as reações cognitivas, lúdicas, afetivas, sociais e morais,...nesse processo o mais impressionante é que se reproduz e desenvolve, no nível do pensamento o que se constata no nível sensório –motor. (PIAGET, 1966, APUD FÁVERO, 2005,p.102).

O primeiro passo de um processo cognitivo qualquer é a decodificação de uma informação, onde o indivíduo classificará e prestará uma atenção seletiva aos estímulos do mundo que o rodeia.

Uma unidade conceitual começa a ser estabelecida quando um signo passa a ser empregado para designar um objeto ou acontecimento.

O desenvolvimento cognitivo deverá ocorrer como uma construção natural ao longo de contínuas assimilações e conseqüentes acomodações pela criança. Ou seja, a criança é um sujeito ativo na construção do seu próprio conhecimento, ela participa ativamente no seu processo de aprendizagem por possuir um papel definitivo dentro da construção do conhecimento.

Para Vygotsky, a aprendizagem é o processo de assimilação ou apropriação da experiência acumulada pelo outro no decurso da história social. A criança se apropria do conhecimento pela reprodução, que se torna um processo de absorção e transformação em capacidades individuais. O desenvolvimento cognitivo é um processo contínuo de aquisição e controle ativo sobre a percepção, memória e atenção, adquirido a partir da interação verbal com os adultos.

Ele, diferente de Piaget, dá importância à linguagem na construção da aprendizagem, enfatiza as origens sociais do pensamento, pois esse não se dá de forma espontânea e sim de forma conjunta às interações sociais.

Afirma também que o ser humano não é um ser passivo na sua aprendizagem, pois essa é um processo de mediação nas formas superiores de comportamento (percepção, memória, atenção), ou seja, cada criança assimila a realidade de acordo com sua organização mental prévia e a modifica agindo sobre ela a partir do processo de assimilação.

Durante o processo de aprendizagem a criança parte de suas próprias generalizações e significados, ou seja, raciocina sobre as explicações recebidas e as transforma de acordo com seus esquemas lógicos e conceituais com o auxílio dos adultos e de outras crianças, ou seja, as relações sócio-interacionais.

Como as relações sócio-interacionais são centrais para o aprendizado, Vygotsky estabeleceu um conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal que seria o nível de potencial de desenvolvimento que deve ser trabalhado e motivado para a aprendizagem.

Nos dois teóricos, observa-se que aprendizagem é um processo subjetivo construído em interação com os outros e consigo mesmo.

4 - INFLUÊNCIAS DA AFETIVIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A questão da afetividade na relação ensinar/aprender se remete a questões fora das esferas do somente cognitivo, do ensino ou das condições econômicas, físicas e materiais. Ela alcança o ser humano como um todo, logo que a realidade interna é uma obra feita pela mente com o sistema biofisiológico, cognitivo e afetivo.

Dentro do processo de aprendizagem um clima escolar harmonioso e voltado para o aprendizado eleva o desempenho médio dos estudantes. Fatores como amizade e rejeição influem na construção de um clima favorável ou desfavorável ao aprendizado.

Piaget oferece importância dos aspectos afetivos e cognitivos na construção do saber, pois para ele é necessário um desejo, um querer, que se encontra escondido na afetividade:

(...) o pleno desenvolvimento da personalidade, sob seus aspectos mais intelectuais, é inseparável do conjunto dos relacionamentos afetivos, sociais e morais que constituem a vida da escola (1994, p.61).

Como o ser humano é inserido, para Piaget, desde o seu nascimento num meio social, que age sobre ele da mesma forma que o meio físico, as relações entre indivíduos os modifica e constitui uma totalidade, assim o vínculo afetivo construído influenciará diretamente o desenvolvimento da criança.

A afetividade na relação ensino/aprendizagem demonstra que o processo ao conhecimento é algo consciente e a afetividade assumirá um elemento inseparável e irredutível das estruturas da inteligência. Através de uma experiência afetiva e não somente intelectual, é que se dará o processo da auto-descoberta e descoberta do outro na educação. Segundo Fávero (2005):

Para Piaget, existe uma diferença radical entre as operações afetivas e as intelectuais, e essa diferença é dada pelo fato de que os sistemas de valores, em contraste com as relações físicas, estão relacionados com as imposições culturais e contextuais, não sendo, por tanto universais... há um desenvolvimento de afetos normativos, durante o qual a criança atinge, progressivamente, uma competência cada vez maior em subordinar sua experiência afetiva ao sistema operacional de valores permanentes, reversíveis e coordenados que rege as obrigações e interpessoais e os imperativos morais. (FÁVERO, 2005, p. 131).

Para cada estágio do desenvolvimento Piaget descreve uma afetividade:

- **Sensório - motor:** marca, a partir da fase de indiferenciação, como descrito anteriormente, o início progressivo da competência em subordinar as experiências afetivas pessoais ao sistema operacional de valores permanentes;
- **Intuitivo ou pré-operatório:** a afetividade é dominada pelo imediatismo dos desejos subjetivos na ausência da descentração cognitiva, de sorte que os conflitos

associados com esse período são conflitos de desejos imediatos. Isso é observável facilmente nas situações de brincadeira entre as crianças;

Operatório concreto – a afetividade começa a se organizar num sistema de valores coordenados e reversíveis, que se evidencia na expressão de sentimentos intra e interpessoais traduzidos na reciprocidade de intenções mútuas no e entre o *self* e os outros. Assim se inicia os pensamentos morais autônomos que substituem um sentimento heterônomos de obediência;

- Operatório formal – marcada pela idealização coletiva de valores na direção da realidade proposicional e das ordens sociais e pela realização recíproca com os outros.

Piaget concedeu à afetividade um relevante fator para que ocorra a construção do conhecimento pela criança, especialmente, a criança de fase em educação infantil.

Já Vygotskyt apresenta uma das mais famosas teorias científicas sobre o assunto ao desenvolver sua “ Teoria das Emoções”, ele critica o fato de as teorias ignorarem o desenvolvimento das emoções e trata-las como um fenômeno secundário à aprendizagem. Afirma que as dimensões cognitivas e afetivas estão integradas ao dizer que (...) os processos pelos quais o afeto e o intelecto se desenvolvem estão inteiramente enraizados em suas inter-relações e influências mútuas. (idem, pág. 215)

Ele não separa afetivo e cognitivo, não são, para ele, consideradas como dimensões isoláveis.

O pensamento, para Vygotsky, tem sua origem na motivação, portanto compreendê-lo implica em compreender sua base afetivo-volitivo. Por isso a importância que esse teórico dá a afetividade no processo ensino/aprendizagem.

Ela desempenhará uma função, de maior ou menor grau, de organização e de sustentação das atividades psíquicas nas tarefas e atividades que serão desenvolvidas pelo aluno.

Wallon afirmava que as emoções são a base precedente da formação sensório-motora e mental da criança, é onde se torna possível a junção entre os automatismos e a intencionalidade. Para ele, as expressões emocionais e postula a indissociabilidade entre os processos afetivos e cognitivos. Assim, citado por Fávero, ele afirma que a afetividade:

desencadeia uma espécie de simbiose afetiva entre a criança e o seu meio. Sua iniciação à vida psíquica é uma participação em situações que estão sob a dependência estreita daqueles que ela recebe os cuidados. (FÁVERO, 2005, p 161)

Na educação infantil essa relação da afetividade e aprendizagem influenciará profundamente a forma como se dá o desenvolvimento cognitivo da criança. Observa-se uma correlação positiva entre a ausência afetividade e a redução da aprendizagem, pois existe uma relação direta entre a afetividade e a ação pedagógica.

Erickson atribui à educação infantil os conflitos básicos de esforço versus inferioridade, tornando-se a escola e os amigos, nesse momento, o centro das relações mais importantes da criança. Essas poderão resultar em sentimentos como competência ou frustração, inferioridade, fracasso e incompetência.

Diante disso a aprendizagem na educação infantil se dá num processo de construção singular da criança com o saber, transformando as informações em conhecimento, e vivenciando um prazer e alegria diante esse processo. Isso se dá com uma relação afetiva entre os envolvidos no processo definida de forma positiva. Ao adquirir cada vez maior competência cognitiva a criança vai sendo capaz de elaborar sua auto-estima com mais segurança em função dos seus próprios resultados e conquistas.

A predisposição para o aprendizado na construção do conhecimento esta correlacionada com os componentes sócio-emocionais, a relação afetiva motivará o processo de aprendizado mais eficiente e eficaz na educação infantil. A afetividade promoverá que o aluno adquira novos conhecimentos e mudanças de paradigmas, no interesse para descobrir, inventar e adotar soluções que possibilitem a autotransformação.

Nisso, se ocorre o contrário, pode haver a presença de fracasso escolar ou dificuldade de aprendizagem.

Fracasso escolar é diferente de dificuldade de aprendizagem, apesar de muitos confundirem as duas situações. O primeiro, diz-se que a criança não tem problema de aprendizagem e sim de transmissão de conhecimento; enquanto a segundo poderia ser considerada como um sintoma de outros conflitos além da transmissão de conhecimentos ou ainda uma inibição cognitiva, e até mesmo, uma deficiência mental.

Os fracassos escolares são indesejáveis, muitas vezes passageiros, passíveis de resolução mediante intervenções específicas e o ajustamento de linhas de conduta escolar.

As dificuldades de aprendizagem são problemas já definidos como impasses para a aprendizagem que tendem a se agravar se não houver uma intervenção direcionada.

4.1 - Fracasso escolar

O fracasso escolar é um elemento resultante da integração de várias relações que englobam o espaço institucional (escola), relações afetivas (vínculos de aluno e professor), família e sociedade em geral. Fatores individuais podem constituir um predisposto ao fracasso escolar, porém, não único.

Ele pode evidenciar uma falha na relação afetiva entre os envolvidos no processo de ensino aprendizagem.

Quando a escola percebe que ela não consegue transpor o conhecimento ensinado para a realidade do aluno, somente valoriza a inteligência e se esquece da interferência afetiva na não aprendizagem, está a caminho de possíveis fracassos escolar que podem ocorrer.

A relação afetiva que o aluno possui com a escola e professores podem direcionar a aprendizagem ou a não aprendizagem.

A não aprendizagem não seria o resultado oposto do aprender, e sim mais como uma resposta pessoal ativa em face de um quadro de descompensação. Ocorre a restrição do impulso cognitivo, a negação e a evidência que o ambiente inserido é indesejado.

A criança demonstra transgressão às regras, na esfera comportamental, e retardamento nas esferas cognitivas e sociais como autodefesa. Em termos práticos a criança esquece o que foi ensinado, apresenta indisciplina, desafia regras, não aprende e deixa de ter vínculos afetivos com professores e colegas de sala.

Nisso, considerada como um “fracasso escolar” a criança desenvolve desamparo e um quadro de depressão por não atingir as expectativas que colocam nelas mesmas. Sua auto-estima baixa se incorpora a um estigma de incompetente. Como conseqüência a escola evidencia um alto número de evasão e de repetência.

4.2 - Dificuldades de aprendizagem na educação infantil

Anterior ao termo usado hoje conhecido foi utilizado termos como ‘transtornados emocionalmente’, ‘retardados mentais’ ou ‘desvantajados culturais’, o primeiro citado demonstra a influencia que a afetividade pode ter no processo de aprendizagem do individuo.

Dificuldade de aprendizagem refere-se a uma ampla gama de problemas que podem afetar qualquer área do desenvolvimento acadêmico. Pode referir a um grupo de transtornos que se manifesta por dificuldades significativas no uso e aquisição da fala, escrita, leitura, escuta ou habilidades matemáticas.

O termo internacionalmente conhecido é o do *National Joint Committee of Learning Disabilities* – NJCLD, 1998 que cita seguinte:

Dificuldade de aprendizagem (DA) é um termo geral que se refere a um grupo heterogêneo de desordens manifestadas por dificuldades significativas na aquisição e utilização da compreensão auditiva, da fala, da leitura, da escrita e do raciocínio matemático. Tais desordens, consideradas intrínsecas ao indivíduo, presumindo-se que sejam devidas a uma disfunção do sistema nervoso central, podem correr durante toda a vida. Problemas na auto-regulação do comportamento, na percepção social e na interação social podem existir com as DA. Apesar das DA ocorrerem com outras deficiências (por exemplo: deficiência sensorial, deficiência mental, distúrbios sócio-emocionais) ou com influências extrínsecas, elas não são o resultado dessas condições.

Tirando os distúrbios essencialmente neurológicos como retardamento mental e lesão cerebral, as dificuldades de aprendizagem podem estar ligadas a um fato de uma situação de ausência de afeto em algum acontecimento escolar.

Ela se manifesta em diversas áreas da aprendizagem, assim como, em momentos distintos.

Na educação infantil são observadas dificuldades de aprendizagem como:

- Fraco alcance da atenção: a criança distrai-se com facilidade, perde rapidamente o interesse por novas atividades deixando trabalhos e projetos inacabados;
- Dificuldade para seguir instruções: a criança pede ajuda repetidamente, mesmo durante tarefas simples por insegurança ou por querer aceitação daquilo que esta sendo feito;
- Imaturidade social; a criança age como se fosse mais jovem que sua idade cronológica e pode preferir brincar com crianças menores ou se isolar frequentemente;
- Dificuldade com a conversação: a criança tem dificuldade em encontrar as palavras certas e se irrita tentando encontrá-las;
- Inflexibilidade; a criança teima em continuar fazendo as coisas à sua própria maneira, mesmo quando esta não funciona. Resiste a sugestões e a ofertas de ajuda;
- Fraco planejamento e habilidades organizacionais: a criança parece não ter qualquer sensação de tempo e se sente despreparada ou atrasada, não tem idéia de por onde começar tarefas ou dividir o trabalho deferido;

- Distração: a criança frequentemente perde a lição, as roupas e outros objetos seus. Esquece de fazer as tarefas e trabalhos e/ou tem dificuldade em lembrar compromissos ou ocasiões sociais e;
- Falta de destreza e controle dos impulsos; a criança parece desajeitada e sem coordenação ou verbaliza e age sem pensar, interrompe ou muda abruptamente de assunto em conversas e/ou dificuldades para esperar ou respeitar o outro.

Vários foram os estudos interdisciplinares a respeito da dificuldade de aprendizagem, sendo então, identificadas e destacadas as áreas problemas, utilizaram-se os prefixos “dis” para distinguir deficiência ou “a”-para perda de áreas de habilidades já adquiridas. Exemplos:

- Disfasia: quando uma criança não desenvolve a linguagem adequadamente;
- Dislexia – dificuldade da leitura;
- Disgrafia – dificuldade na escrita;
- Discalculia – dificuldade na matemática e;
- Dislalia – atraso da fala, à linguagem “bebê”.

As crianças com dificuldades de aprendizagem podem apresentar uma série de características próprias e problemas associados. Apresentam alguns aspectos associados como: atenção, percepção, cognitivos, emocionais entre outros. Esses fatores observados e avaliados podem se manifestar no comportamento da criança que poderão apresentar-se inseguras, com baixa auto-estima ansiedade, regressões, agressividade, tensão e problemas nos relacionamentos interpessoais que arrecadaria num rebaixamento em suas habilidades cognitivos, emocionais e sociais.

4.3 Sucesso Escolar

Ao compreender que o sucesso escolar depende de esforços concentrados dos envolvidos no processo ensino aprendizagem, a criança da educação infantil necessita sentir uma segurança afetiva para que possa “explorar, brincar, relacionar-se com outras crianças” (PANIAGUA, 2007, p. 132) além de compreender as exigências, os desafios e as normas que orientarão sua aprendizagem e socialização.

O sucesso no processo de aprendizagem está relacionados ao desenvolvimento social da criança e sua relação afetiva com o professor, como afirma a Teoria Histórico-Cultural, logo que para essa teoria o desenvolvimento humano ocorre por meio das interações sociais

entre os indivíduos, marcadas pelas culturas nas quais eles estão inseridos (FONTANA & CRUZ, 1997 apud MATTOS & DAMIANI). Assim:

O professor que entende a educação como prática social transformadora e democrática trabalha com seus alunos na direção da ampliação do conhecimento, vinculando os conteúdos de ensino à realidade, escolhendo procedimentos que assegurem aprendizagem efetiva. (RAMOS, 2009, p. 84).

O professor, nessa compreensão, promoverá um sucesso escolar baseado na a tríade conhecimento, desenvolvimento e aprendizagem que são processos que se interrelacionam. Além disso Ramos (2009) afirma que

O fundamental da atuação docente é promover a aprendizagem dos alunos, o professor reconhece a importância de envolvê-los, mobilizar seus processos de pensamento, explorar todas as dimensões e oportunidades de aprendizagem, fazer e refazer percursos, criar e renovar procedimentos, visando sempre a seus alunos reais. (idem)

Essa atitude promoverá o sucesso escolar da criança na educação infantil, logo que como afirma Góes (1997, apud MATTOS & DAMIANI) embora os processos pedagógicos sejam centrados no ensino, eles envolvem outros aspectos que a autora julga como fundamentais: “incentivos ou censuras a formas de ser ou comportar-se, regras de convivência e critérios de organização das relações nas atividades” (p. 16-7). Segundo ela esses aspectos podem colocar o professor numa posição de encorajar e facilitar a tríade conhecimento/desenvolvimento/aprendizagem motivando o aluno.

Poder-se-ia inserir que alunos que apresentam sucesso na escola vivenciaram uma relação afetiva na escola com seus professores, e que este fato pode ter sido determinante no seu desempenho escolar dos primeiros anos escolares.

Concordando com essa inserção se encontra Vygotsky (2001) ao entender que as pessoas se constituem em sua totalidades nas quais afetividade e intelecto não podem ser separados. Ele afirma que a afetividade tem uma relação direta com o modo de agir e com a aprendizagem, ressaltando que a aprendizagem e o sucesso escolar são consequências de atividade “estimulada emocionalmente [...] [e que] o fato emocionalmente colorido é lembrado com muita intensidade e solidez do que um fato indiferente”(p. 143).

Ao estar numa sala de aula, a criança em fase de educação infantil não abandona seus aspectos afetivos que lhe são intrínsecas da personalidade, a afetividade a acompanha em qualquer situação e local, assim quando estão interagindo com a tríade do processo de aprendizagem não deixam “latentes” seus sentimentos, afetos e relações interpessoais enquanto pensam (p 160).

Dessa forma promoverá um ambiente escolar estimulador para que haja o sucesso escolar e isso pode proporcionar, segundo Ramos (2009) o amor pela escola com “reflexos sensíveis no aproveitamento escolar” (p. 86) e conseqüentemente ocorrerá o sucesso escolar.

5- CONFLITOS AFETIVOS

Conflitos afetivos interpessoais sempre estarão presentes na escola, não devem ser entendidos como ocorrências antinaturais ou atípicas. Em qualquer relação educativa/ afetiva haverá conflitos, o que é necessário, é compreender essas desavenças e transforma-las em oportunidade de trabalhar valores e regras.

Piaget concebe o conflito como necessário ao desenvolvimento. No processo de equilíbrio ou auto-regulação, processos responsáveis pela construção de todo o conhecimento, os conflitos auxiliam no desenvolvimento da aprendizagem da criança.

Ele enfatizou o importante papel dos conflitos como facilitador do conflito interno pelo qual o indivíduo começa a levar em conta outros pontos de vistas

O conflito faz parte do processo de evolução dos seres humanos e são necessários para o desenvolvimento e o crescimento de qualquer relação afetiva, seja na família, na escola ou em outra organização social.

É fonte de idéias novas que permite a expressão e a exploração de diferentes pontos de vista, interesses e valores. Pode ser entendido como um processo onde uma das partes envolvidas percebe que a outra parte frustrou ou irá frustrar o seu interesse, um processo de percepção e adoção de uma ação adequada e positiva ao auto-conhecimento e aceitação.

O conflito afetivo pode ser suprimido com a participação de todas as partes envolvidas na relação, aperfeiçoando alguns comportamentos ou tentando eliminar a outros inadequados, objetivando a harmonia.

O manejo de situações de conflitos afetivos é essencial para que as pessoas reflitam sobre suas ações e conhecer a si mesmas e aos outros, onde nascerá oportunidades de crescimento mútuo.

Para uma correta administração de um conflito afetivo é necessário que sejam conhecidas as possíveis causas que levaram ao seu surgimento. Dentre elas, é possível citar:

- . Experiência de frustração de uma das partes envolvidas na relação afetiva;
- . Diferenças de personalidade e;
- . Metas acima do que pode ser alcançado pelo outro.

A administração de conflitos consiste na escolha e implementação de comportamentos mais adequados para se lidar com cada tipo de situação. Devem-se provocar na criança conflitos que influenciarão seu gosto pelo aprender.

Deve-se criar um ambiente afetivo mais definido, esclarecer as percepções de cada sujeito envolvido e focalizar as necessidades individuais e compartilhadas de modo a desenvolver ações construtivas na resolução dos conflitos afetivos existentes.

Nisso é necessário: saber comunicar, saber ouvir e saber formular questões. Isto tudo com a colaboração e o compromisso de contribuir na resolução do problema.

5.1 - Professor como mediador do processo ensino/aprendizagem

Considerando que a criança traz para o ambiente escolar toda a carga afetiva de seu desenvolvimento com seus familiares, tanto se for de forma positiva quanto de forma negativa, os problemas emocionais surgirão nos contatos que se estabelecerão e, cabe ao professor envolvido nesta relação propiciar um ambiente acolhedor e de compreensão para que as crianças possam desenvolver suas potencialidades amplamente, logo que segundo Wallon (2010):

É inevitável que as influências afetivas que rodeiam a criança desde o berço tenham sobre sua evolução mental uma ação determinante. Não porque criampeça por peça suas atitudes e seus modos de sentir, mas precisaente, ao contrário, porque se dirigem, à medida que ela desperta, a automatismo que o desenvolvimento espontâneo das estruturas nervosas contém em potência, e, por intermédio deles, a reações de ordem íntima e fundamental. (WALLON, 2010, p. 122).

Ao professor cabe um papel de destaque, pois se acredita no potencial do seu aluno, dispensa-lhe maior atenção. Ele poderá suprir alguma carência afetiva que a criança possa sentir, assim, se tornará um referencial de afetividade de importância única, logo que para a criança, segundo Wallon:

As situações com as quais ela confunde o sujeito não são apenas incidentes materiais, são também relações interindividuais. O ambiente humano infiltra o meio físico e o substitui em grande medida, sobretudo para a criança (ibidem, p. 123).

O aluno valorizado ou admirado pelo professor tem suas características valorizadas e acentuadas demonstrando-as com mais frequência.

Precisa estabelecer uma relação afetiva com os alunos e que perceba que como indivíduo seus alunos também tem algo a oferecer e que a aprendizagem se faz por intermédio das interações que são estabelecidas.

A melhor atuação do professor é quando ele procura ser um facilitador de aprendizagem que o aluno irá desenvolver. Oferecer, por meio de suas atitudes, uma série de

informações ao aluno que irão contribuir na formação tanto cognitiva quanto na formação de seu auto-conceito.

Ele deverá proporcionar um clima de simpatia onde o aluno tenha motivação extra para aprender. O professor deve demonstrar interesse pelo bem estar do aluno, instigar e estimular o maior número de sentidos na transmissão de conteúdos.

Podem proporcionar atividades em que a criança possa liberar suas emoções e energias acumuladas ao longo das atividades, assim como demonstrarem ser dignos de confiança para que estas possam ter segurança em lhes contar o que verdadeiramente estão sentindo.

Além disso, deve conhecer bem as possibilidades de aprendizagem do aluno e suas características individuais para que possa adequar a metodologia de ensino ao aluno através da interação, da comunicação, da observação de seus processos de aprendizagem e da reavaliação da proposta a cada nova fase do processo.

E, como mediador do processo, deve ajudar ou facilitar os alunos a construir aprendizagem significativa e, para tal, precisa atribuir um sentido pessoal à aprendizagem para que os alunos compreendam não apenas o que tem de fazer, mas também o porquê e para quê. Tendo o encorajamento pelo esforço e não pelo resultado obtido por eles.

PARTE 3

PERSPECTIVAS FUTURAS

Os afetos positivos que abraça a todos do processo de aprendizagem sugere que professores que demonstram afeto por eles e por eles se interessavam na educação infantil exerce uma influência significativa na obtenção e no desenvolvimento da tríade conhecimento, desenvolvimento e aprendizagem.

O que se espera é que o docente compreenda a sua capacidade de afetar o aluno positivamente e de auxiliar na construção do sucesso escolar da criança em idade de educação infantil, por meio do interesse, da valorização, do incentivo, da crença na capacidade de seu aluno.

CONCLUSÃO

Numa educação que visa à autonomia é necessário que a escola proporcione para a criança um ambiente sócio-moral cooperativo com relações de afetividade, justiça e de respeito mútuo.

Assim, aprendizagem acontecerá em um vínculo de um processo entre subjetividades e afetividades, pois aprender implica em desejo que deve ser reconhecido pelo aluno.

O elemento humano é fundamental em uma relação pedagógica para a comunicação em nível de ensino/aprendizagem.

Quando a criança percebe o afeto existente, começa a adquirir segurança no fazer ou deixar de fazer algo, tornando mais independente e autônoma quanto suas decisões. O sucesso ou fracasso escolar, junto com a dificuldade de aprendizagem seriam entendidos por ela e se poderia trabalhá-las de forma mais sistemática e consciente sem o sentimento de culpa, incompetência ou rejeição, logo que entenderiam que essas situações como naturais passíveis de serem resolvidas com o apoio de um adulto que o ame e se preocupa com ela.

O aprender voltado a um pensar mais dinâmico e mais flexível pronto para o desconhecido, deve-se colocar como prioridade a qualidade afetiva entre os envolvidos, que inclui o exercício da auto-estima, da autoconfiança, da autonomia e da amorosidade em geral, assim, a criança, na educação infantil, poderá desenvolver-se como um ser seguro e confiante.

Essa relação afetiva no processo ensino/aprendizagem exigira do professor uma atitude de respeito e amor interior para conviver com a própria simplicidade e autenticidade de uma emoção pessoal.

A inclusão do afeto na sua prática pedagógica poderá resultar em conseqüências inesperadas tanto para o próprio professor quanto para a criança, de forma positiva. Logo que, o desejo mais profundo de qualquer criança é o de ser compreendida e, esse simples fato, possibilitará um processo de comunicação que facilitará a aprendizagem.

REFERÊNCIAS

- ARANTES, Valeria Amorim; **Afetividade na Escola: alternativas teóricas e praticas** , SP. Summus, 2003.
- BOWDITCH, J.; BUONO, A. **Elementos de comportamento organizacional**. São Paulo: Pioneira, 1992.
- COELHO, Ana Silva Borges Figueiral. **O Fracasso escolar e os distúrbios de aprendizagem**. Associação Brasileira de Dislexia.SP
- COLL, C.; MARCHESI,A.; PALACIOS,J; **Desenvolvimento Psicológico e Educação: Psicologia evolutiva**, Porto Alegre: Artmed,2004
- COSTA, Dóris Anita Freire. **Fracasso escolar: diferença ou deficiência**. Porto Alegre; Kuaarup,1993
- DIMITRIUS, Jô-Ellan; MAZARELLA, Mark. **Decifrar pessoas: como entender e prever o comportamento humano**. SP: Alegro 2000
- DROUET, Ruth Caribe. **Distúrbios de Aprendizagem**. SP. Ática, 1990.
- FAVERO, M. Helena. **Psicologia e conhecimento**: Editora UnB, Brasília,2005
- HOCKENBURY, D.; HOCKENBURY, SANDRA: **Descobrimo a Psicologia**, São Paulo,,: Manole, 2003
- MATTOS, Mariluci da Silva. DAMIANI, Magda Floriana. **O sucesso escolar e sua possível associação com relações afetivas positivas entre professor e aluno**. Disponível em: <http://www.uces.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/1543/392>. Acessado em 20/06/2013.
- OLIVEIRA, G. a **Transmissão dos Sinais Emocionais pelas Crianças: Afetividade e dificuldade de aprendizagem: uma abordagem psicopedagogica**, São Paulo: Vetor, 2006
- ROALL, A. **Fracasso escolar – fracasso ou sucesso da escola – psicologia** Argumento, ano 4, (5)- 09-16, 1985.
- TRIVIÑOS, Augusto. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: A Pesquisa Qualitativa em Educação**. São Paulo. Ed. Atlas. 1987.
- VIGOTSKI, Lev Semenovich. **A Formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- VIGOTSKI, Lev Semenovich. **Psicologia Pedagógica**. São Paulo: Martins Fontes, 2001a.
- VIGOTSKI, Lev Semenovich. **A Construção do Pensamento e da Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001
- WALLON, Henri. **A evolução psicológica da criança**. São Paulo: Martins Fontes: 2010.